



Emile Foundation e os girassóis ucranianos

Semana passada vivi os dias mais difíceis da minha vida.

Meu paizinho amado faleceu de repente. Fiquei sem chão.

E, em meio à dor dessa despedida, um pensamento ficou ecoando em mim: se uma mulher de 55 anos, como eu — cercada de irmãos, filhos, amigos amorosos e uma rede inteira de afeto me oferecendo apoio — pode se sentir tão indefesa, tão triste e tão fragilizada diante da separação de alguém que ama... imagina o que sente uma criança arrancada dos braços dos pais pela violência de uma guerra. O medo. O silêncio da ausência inesperada.

Imagino a confusão emocional de uma criança que dorme sem saber onde estão seus pais, sem entender por que o mundo, de repente, deixou de ser seguro. E imagino, também, o sofrimento impossível de medir das mães e dos pais que perderam seus filhos... em vida.

Existe algo especialmente cruel quando o amor continua existindo, mas o abraço desaparece. Quando o vínculo permanece pulsando, mas o cotidiano é sequestrado pela violência. Quando uma mesa segue posta para alguém que não volta.

No último domingo, Dia das Mães, foi lançada a campanha Sunflowers from Ukraine, da Emile Foundation. Uma campanha que usa o girassol — flor que busca a luz mesmo nos dias difíceis — como símbolo da esperança das famílias ucranianas que aguardam o retorno de seus filhos.

Mais de 20 mil crianças ucranianas foram retiradas à força de seus territórios desde o início da guerra. Muitas tiveram suas identidades apagadas. Algumas foram dadas para adoção. Outras seguem desaparecidas. Milhares de pais e mães acordam todos os dias sem saber onde seus filhos estão. E ainda assim continuam esperando.

Talvez, porque o amor de uma mãe seja justamente isso: uma forma de insistência da alma.

Uma recusa profunda em desistir.

Vivemos tempos em que números circulam rápido demais e corremos o risco de perder a capacidade de sentir o peso humano das tragédias. Vinte mil não é estatística. Estamos falando de 20 mil desenhos interrompidos, aniversários vazios, camas desertas, canções de ninar suspensas no ar.

A guerra não destrói apenas cidades. Ela rompe a arquitetura emocional do mundo.

Por isso, campanhas como essa importam. Porque



lembrar também é uma forma de proteger. Porque manter atenção sobre essas crianças talvez seja uma das maneiras mais humanas de impedir que elas desapareçam também da memória coletiva.

Nesta semana, enquanto tento reaprender a existir num mundo sem Wilson Fidalgo, meu paizinho tão amado; posso afirmar com clareza sobre o quanto a base da

estabilidade emocional humana vem dos laços familiares.

Que os girassóis levantados nesta campanha não sejam apenas símbolos bonitos nas redes sociais.

Que sejam faróis de consciência.

E que a campanha iniciada pela Emile Foundation no domingo passado só termine quando cada criança arrancada de sua família puder retornar para o colo de seus pais.